

# CORVOS

WELINGTON JOSÉ FERREIRA



Depois disso a palavra do Senhor veio a Elias:

"Saia daqui, vá para o leste e esconda-se perto do riacho de Querite, a leste do Jordão.

Você beberá do riacho, e dei ordens aos corvos para o alimentarem lá".

E ele fez o que o Senhor lhe tinha dito. Foi para o riacho de Querite, a leste do Jordão, e ficou lá.

Os corvos lhe traziam pão e carne de manhã e de tarde, e ele bebia água do riacho.

I Reis 17.3-6

## PROÓLOGO

Eu não sabia que tentam transformar os corvos em árabes por causa do fantástico da narrativa. Em 1 Reis 17:6 – corvos (ערב) e Crônicas 21:16 e Neemias 4:7 – árabes (ערבי). A palavra: ערב utilizada dezesseis vezes no A.T., e em todas elas, é utilizada em referência a animais imundos na tradição judaica. E mesmo as suas congêneres gregas, que aparecem três vezes no N.T., são utilizadas com o mesmo sentido. Já a palavra: ערבי aparece nove vezes no A.T. Em todas as vezes é utilizada em referência a homens de origem árabe. Ou seja, em mais de 1000 anos da história das Escrituras, ou num período superior a 1000 anos de língua hebraica, numa aventura linguística sem precedentes (imagine as mudanças do mundo antigo, e seu impacto numa língua, num cenário de guerras, formação de nações, migração de civilizações, etc.) e nunca houve confusão entre os dois termos no hebraico. Corvo sempre foi corvo e árabe sempre foi árabe. Simplificando.

Voltando aos corvos:

Corvos são animais muito inteligentes.

Na mitologia nórdica, Huginn (do nórdico antigo "pensamento" e Muninn (do nórdico antigo "memória" ou "mente" são, na verdade, um par de corvos que voam por todo o mundo conhecido como Midgard, trazendo informações ao deus Odin. As informações sobre Huginn e Muninn são encontradas nas *Eddas*, compilação de poemas do século XIII, principal fonte do atual conhecimento da mitologia nórdica; Aparecem no Edda em prosa e no Heimskringla, escritos no século XIII por Snorri Sturluson; (vejam como os nomes em nórdico se assemelham a URIM e TUMIM, as duas pedras sagradas que os sacerdotes usavam no Éfode, uma roupa especial – entretanto... essa é outra história).

O pequeno animal de plumas negras representava o próprio mal em algumas culturas europeias. Na França, acreditava-se que os corvos eram as almas de padres e freiras perversos. Para os alemães, as aves eram a reencarnação das almas condenadas e, às vezes, representavam o próprio Diabo.

Desde o Tibete até a Grécia, as pessoas acreditavam que os corvos eram mensageiros dos deuses. Durante as batalhas, as deusas celtas se transformavam em corvos. Já Odin, o deus da mitologia nórdica, tinha dois corvos – Hugin (pensamento) e Munin (memória) –, que voavam ao redor do mundo durante o dia e, à noite, contavam ao deus tudo o que tinham visto.

Os chineses diziam que os corvos traziam um clima ruim para as florestas para avisar às pessoas de que os deuses passariam por ali. E algumas tribos nativas da América adoravam o corvo como uma deidade, além de o descreverem como um "pregador de peças" que estaria envolvido na criação do mundo. Já na Suécia, os corvos que grasnavam durante a noite eram considerados as almas das pessoas assassinadas que não tiveram direito a um funeral católico. Por fim, os dinamarqueses acreditavam que se você visse um corvo que tivesse um buraco na asa, ao olhar através desse buraco você se transformaria em um corvo também.

Assustadoramente inteligentes.

Constroem ferramentas ou escolhem ferramentas, para explorar cupinzeiros e afins, guardando-as pra uso futuro. Lembrando onde as esconderam, meses depois.

Calculam misteriosamente o volume de pedras que precisam jogar num recipiente para que a água contida neles possa extravasar, numa associação capaz de fazer inveja à Arquimedes.

Fingem de mortos, em impressionante performance teatral, para enganar predadores, que não comem carne de predadores mortos.

Lembram de rostos humanos, reconhecem comportamentos. Sejam os tais benevolentes ou hostis. Anos após serem ameaçados por alguém, este ainda será visto como inimigo. Não somente pelo pássaro que foi ameaçado, como por toda a comunidade de corvos próxima daquele linguarudo.

Porque eles se comunicam numa linguagem que possui tamanha sofisticação, que COMPREENDEM a QUEM ou ao QUE o aviso de alerta CONDICIONA, mesmo AUSENTE o corvo autor da denúncia.

Esses são alguns poucos exemplos de um vasto portfólio de insights da inteligência dos corvos.

Como se não lhes bastasse a arte de voar, mesmo envoltos em trevas. Ou imitar lobos.

Ou o uso de linguagem corporal. De danças de temática variada, ao apontar de objetos para outro corvo.

Ou sua extrema habilidade de sobreviver seja em meio a neve ou no deserto.

Ou na cidade habitada.

Ou na floresta.

Os nativos americanos são as maiores testemunhas quanto à natureza brincalhona dos corvos. Essas aves já foram vistas usando montanhas do Alaska e do Canadá como grandes escorregadores.

É comum que os corvos brinquem de “bobo” com outras espécies, como lobos, lontras e cães. Os corvos também fazem brincuedos – usando galhos, pinhas, bolas de golf ou pedras para brincarem sozinhos ou em grupo. Mas, o mais engraçado, é que os pássaros também provocam ou tiram sarro de outros animais simplesmente porque acham divertido.

Aprenderam a usar formigas como remédio. Ou, se deitam na frente de um formigueiro ou as mastigam para usar como unguento.

Quem ensinou aos corvos a usarem formigas como fungicidas?

Aves que são capazes de DEMONSTRAR empatia. Quando um corvo perde uma batalha, ele é consolado por seus colegas. Eles também mantêm a memória de pássaros com os quais se deram bem e podem chegar a ser amigáveis com esses animais até três anos depois. No mesmo sentido, os corvos respondem negativamente aos inimigos e agem de maneira suspeita quando encontram corvos estranhos.

Como foi observado no Japão: os corvos apanhavam nozes das árvores mas não conseguiam facilmente se alimentar delas por causa da casca rígida. Eles então aguardavam o trânsito parar e quando o sinal de trânsito fechava, colocam suas nozes no chão na frente dos carros, assim, quando o sinal abria os carros passavam por cima das nozes, quebrando sua casca.

Além deste comportamento inteligente, os corvos possuem uma excelente memória. Eles coletam aproximadamente 30.000 sementes ao longo do mês de

novembro na América do Norte, e as enterram cuidadosamente. Tempo depois a ave consegue recuperar até 90% das sementes. Sua memória também é usada para identificar ameaças, sejam elas objetos, pessoas ou animais.

Os corvos realizam um ritual similar a um velório pela morte de uma pessoa. O “velório” de um semelhante. Se você não entendeu, o que ocorre é que, se os corvos percebem que algum companheiro está morto, eles se reúnem até em dúzias ao redor do corpo.

São conhecidos por imitar o som de lobos e raposas para atrair essas espécies até carcaças que eles não conseguem abrir. Assim que o animal termina de se alimentar, o corvo aproveita os restos sem fazer esforço.

Também usam a linguagem corporal de maneira sofisticada para se comunicar. Um estudo realizado na Áustria mostrou que as aves usam seus bicos para indicar um objeto a outro pássaro – que é basicamente o mesmo que apontarmos os dedos para algo. Pesquisadores identificaram que os corvos também seguram objetos para poder chamar a atenção de outro corvo.

Então,  
quando uma pessoa ri da possibilidade *de Deus ter dado ordens que foram compreendidas e cumpridas por corvos*, os corvos gargalhavam bem alto. Porque não é necessário fé para entender isso, somente **INTELIGENCIA**.

Com admirável trocadilho.

Porque, se SOZINHOS, são capazes de todas essas façanhas, imagine o que não fariam...ORIENTADOS.

Essa passagem bíblica é uma “pegadinha”, ela faz o intelectual parecer um bobo. Faz que quem se orgulha de seu diploma acadêmico, **passa vergonha ao descrever...**

Porque tentou, displicentemente, imaginar um mito, **num relato jornalístico...** pois desconhecia aos fatos.

Os fatos sobre os corvos.

Então, aprendendo de Deus, meditando nas Escrituras:

“Abandonando” aos derrotados pela incredulidade, os corvos são condicionados a buscarem pão e carne.

O **primeiro milagre** é o da generosidade desses corvos. Ou de sua gratidão contumaz.

Relatam ornitólogos que os corvos são bichos egoístas. Porque brigam por território, por alimentos, etc. Pode ser uma má interpretação de seu comportamento, já que podem viver em bandos, formar grupos para domínio de

territórios, etc. Se for o primeiro caso, o do egoísmo, **sua natureza de corvo** foi dominada pela **obediência por quem lhes COMMISSIONOU**.

Manda quem pode e obedece quem tem juízo.

Era uma época de terrível escassez econômica. O local onde Elias se esconde está cerca de 12 km dos povoados mais próximos. Os corvos voam sobre montanhas, passam por florestas e vão até os povoados em busca de alimento.

Onde terão que usar tudo que sabem *da arte da astúcia*, CALCULANDO com exatidão os tempos em que os desavisados humanos deixariam pedaços de pão a mostra, ou revelando a seus olhos ATENTOS onde escondem suprimentos de carne. O pão possui um horário para ser feito e um período para ser servido. A carne poderia estar conservada por sal, já que não havia como refrigerar ou conservá-la por muito tempo. Poderia então ser armazenada ou servida em diferentes horários.

Os corvos teriam então que ter uma certa PONTUALIDADE para conseguir o pão e uma boa dose de PACIENCIA para conseguir a carne. Há então uma SAGA não contada de como os corvos conseguiram os suprimentos num serviço prestado diariamente que durou cerca de 3 anos.

Restaria a questão sombria da IMPUREZA RITUAL da "corvaria". Afinal, os corvos em designados pela LEI dada por DEUS como animais IMPUROS cerimonialmente. Como então Deus enviaria animais "impuros" para servirem a um profeta, a um "homem ungido"?

O modo como interpretamos o termo "impuro" tem a ver com esse preconceito contra o corvo. Impuro e Puro eram termos que estavam relacionados a alimentação, e aos serviços do santuário. *Eles eram animais que não podiam estar envolvidos com ditos, cerimoniais, sacrificios ou objetos do santuário.*

**A questão é que Elias não era SACERDOTE e nem estava envolvido com as coisas relacionadas ao santuário.**

E nem ia comer os animais, graças a Deus. Eles não faziam parte da dieta emergencial.

Profetas possuem algumas premissas DIFERENTES dos sacerdotes. Coisa de ofício profético.

Em último lugar, a resposta estaria numa visão dada a um profeta de uma nova época inaugurada pelo derramamento do Espírito Santo sobre a terra, nosso conhecido apóstolo Pedro; transitando nas águas ministeriais da palavra profética, quando recebe uma visão lá no livro de Atos dos Apóstolos: - uma trouxa com muitos animais considerados como imundos ou impuros cerimonialmente são oferecidos ao apóstolo, por três vezes. E ele as rejeita por ser judeu, e não comer de modo algum qualquer tipo de carne considerada impura. Ao que uma voz lhe responde: - **Não considere impuro aquilo que Deus purificou.**

Os corvos foram convocados por voz divina, obedeceram às instruções recebidas, trabalhando com risco de vida, viajando diariamente, dezenas de

quilômetros, transitando estações climáticas paradoxais, da neve ao deserto, cruzando uma região com brutais diferenças geográficas, e se por toda sua existência tinham sido classificados como IMPUROS, não seria isso que impediria Deus de usá-los para socorrer a Profecia representada por Elias.

Sua impureza cerimonial não os impedia de serem ACEITOS como mensageiros de SALVAÇÃO, ao menos, de uma única alma, a de ELIAS.

Há toda uma riqueza de representações espirituais na passagem.

Se há algum "corvo" lendo essa meditação, **quem lê entenda**, continue seu trabalho, bicho.

Conforme o que Deus te orientou.

Como dito anteriormente, espantoso não é crer que corvos tenham alimentado a Elias. Essa é a anedota divina contida nas Escrituras.

**Espantoso é imaginar que isso não possa acontecer.**

Tomo a comunidade dos corvos como minha testemunha.

Imagine a multidão dos corvos olhando espantada para o humano incrédulo, pensando que eles não seriam capazes de realizar o que o texto bíblico diz, que eles o fizeram, e o fizeram muito bem.

Os corvos iriam se entreolhar como se estivessem diante de uma pessoa doída.

Mas, a questão vai bem além dessa situação estranha. A bíblia nos convida a olhar uma cena mágica, mítica, um conto de magia feito de **ecologia revisitada**, que abraça o lúdico PROPOSITADAMENTE, para "brincar" com **o racionalismo adoecido**.

A humanidade caminharia, na estrada das eras, no caminho do tempo, para um mundo mecânico, do vapor para a eletricidade e da filosofia para o cientificismo.

Colocaria no mesmo barco, feito de materialismo burro, a alma e o átomo, o espírito, o sonho e o elétron.

A paixão, o amor e o hormônio ocitocina.

O Deus Criador seria reduzido a um deus criado pela mente humana. Construção social de mentes religiosas.

Sabendo disso, Deus escolheu muito bem o uso de suas histórias sagradas. Em suspenso estava a Natureza e sua biologia, os ciclos da água, e a dança das estações.

Elias tinha orado para que não chovesse e desprezando as condições normais de temperatura e pressão (CNTP- como as denominava Fernando, professor de Ciências, do antigo ginásio) as questões de climáticas, os acidentes naturais, a evaporação de rios, mares e florestas, a proximidade de mares e até a condensação que gerava orvalho em abundância nas terras israelitas, não choveu e ponto final.

Porque uma intercessão estava mudando a história.



Então, logo, um homem, através de uma oração, mudou o clima de uma nação, ordenou a um sistema complexo físico-químico e biológico que impedisse uma ação periódica. E esse homem, escondido para não morrer, seria, como *coroação do absurdo*, alimentado por pássaros, testemunhando ele mesmo o efeito de sua DEVASTADORA intercessão.

Há um momento em que o rio do qual bebe, também se seca por inteiro.

E onde a ciência dá condição ao homem moderno, de crer nisso tudo?

Os corvos sorriem. Não. Os corvos gargalham.

Porque é justamente ignorância e a falta de inteligência que leva o homem a desprezar tanto ao poder da oração, como ao ministério profético, a maravilha dos corvos e o que dá condição a isso tudo, a VONTADE de DEUS manifesta com PODER.

Os corvos negam a maioria das crenças que estão mortas a luz da bioquímica, tratadas como se ainda vivessem. Tipo, o evolucionismo.

O evolucionismo significa basicamente uma gigantesca reunião de cientistas olhando o mar primordial egípcio, em meio a escuridão absoluta, à espera de Atum, o primeiro deus e também ser vivo, decidir tornar-se vivo, consciente e originar, por seus próprios meios, aos demais deuses e a partir daí, aquele que era mar, agora pai, originar a todo o restante do universo.

Os corvos riem ALTO.

É este momento mágico em todos os seus sentidos, que os cientistas veneram, exatamente como o fizeram os sacerdotes egípcios a 6000 anos atrás. Como pode uma doutrina tão antiga e mítica ser hoje a guardiã da cosmologia que dirige centenas de milhares de cientistas, ordenando, a doutrina, o pensamento, a ideologia, a filosofia científica, sendo defendida veementemente por mais de duzentos anos, pelas mentes mais brilhantes do planeta, que buscam incessantemente a verdade em todos os seus experimentos? Este é um mistério além da imaginação.

Os corvos rolam pelo chão.

Nunca se soube da reunião secreta dos átomos e das partículas elementares, que decidiram por si próprios, que deveriam se unir para formar os componentes químicos que organizariam a vida. Ou uma reunião das leis cósmicas que decidiram que a matéria deveria viver.

Os corvos dançam

Podemos imaginar os elétrons imaginando os cavalos, os bósons reclamando para si a textura das asas de borboletas, os quarks apresentando os planos para criação do DNA. É para este mar cósmico envolto em escuridão absoluta que o evolucionismo olha sorrindo, imaginando, maravilhado, as vozes resolutas dos nêutrons dizendo:

- Haja vida!

E para ternura e doçura das leis físicas, quiça inexistentes, se compondo e contrapondo, se transcendendo e se alinhando, se estendendo até o microcosmo

e até aos confins do universo, abraçando a idéia profética da vida, que sem sua organização harmoniosa, não poderia jamais vir a existir.

Os corvos pulam.

É tão mágico olhar para esse mar rebelde, inconformado com sua condição de não-ser, gritando inda que sem voz, sua necessidade de expressar-se, de sentir, pensar e quem sabe um dia, se apaixonar, o que realizaria através de seres incriados feito de quantuns, bósons, elétrons e nêutrons, sem deixar de lado os prótons, organizados de tal modo, que um dia, nesse futuro indefinido - quem sabe trilhões de anos depois - como microcosmos ambulantes, (brilantemente auto-organizados), que até mesmo gritariam de alegria!

Os corvos param de respirar.

Pois a lágrima é a vitória do elétron livre, a coroação do hidrogênio e do oxigênio dançando sobre as forças gravitacionais – feitas por leis *físicas cheias de doçura*.

Ah! O homem, esse pedaço de matéria que ri, esse mutante que desdenhando de sua condição de energia, meio onda, meio partícula, reclama para si o sonho distante do mar cósmico egípcio, assírio e babilônico, que não suportando mais sua solidão, decidiu que já era hora de iniciar o projeto que um dia viria ser Deepika Padukone dançando em Padmavati, Ashavarya Rai segurando a lâmpada em Devdas e Lee Ji Eun entrando no quarto maldito em Hotel Del Luna para impedir Goo Chan-seong de olhar para um espírito tão amaldiçoado que só por o encarar, ficaria louco.

Os corvos voltam a respirar.

Quem sabe, ah! Quem sabe... um dia os cientistas acordarão do pesadelo e entenderão que não era o mar primordial que, se insurgindo contra sua condição de morto, decidiu ressuscitar a si mesmo e começar a viver.

Quem sabe um dia deixarão para trás, com os olhos cheios de lágrimas pela triste despedida, a seus amigos magos-sacerdotes do Egito, que ensinaram astronomia e matemática aos gregos. Deixando ali junto dos templos e de suas mágicas inscrições, esse mito, essa lenda, deixando o evolucionismo embalsamado, e num sarcófago fechado, após os ritos de luto dolorosos ao som das adolescentes carpideiras. Enterrado para sempre, debaixo das areias do tempo, ao lado do sarcófago desgastado e solitário' com a inscrição em baixo relevo' a qual traduzida seria "seleção natural", que foi parar ali... por acaso...

Observação importante:

As adolescentes carpideiras são estudantes de biologia molecular. Só estão ali fazendo teatro' já que não se importam com os mitos mortos'. A tradição as obriga a homenagearem os mitos antigos em seus artigos. Por isso choram...

Os corvos choram também.

Os corvos de Elias, o tisburyta, nos declaram uma realidade inefável. Que não seria possível aos corvos, tamanha inteligência, INATA, sem escola, sem livros,

sem registros, sem biblioteca, se não fosse PROPOSITAMENTE implantada nos genes desses animais.

Os corvos sorriem.

Pois Deus PROPOSITAMENTE vai nos maravilhando com sua assombrosa inteligência manifesta desde o quantum até as galáxias, da molécula até a bioquímica, do código escrito do DNA.

Corvos nos fitam com o olhar sinistro

Códigos que escrevem e transcrevem a vida, que vão declarando em palavras, com sintaxe, numa linguagem absoluta e multifuncional, a todos os processos biológicos. Processos que se multiplicam em camadas de inteligência inatingível, que se desdobram e se interconectam até a construção dos bilhões de seres vivos, esses que traduzem em cores, força, agilidade, movimento e energia, à vida em toda sua extensão.

Uma usina termonuclear leva anos para ser construída e ser comissionada, com seus milhares de sistemas. ENTRETANDO, ela só funciona depois de pronta e exaustivamente testada. Centenas de anos de desenvolvimento tecnológico, de raciocínio, matemática aplicada, engenharia e física, se integram, para que, somente após a completação da usina, ela possa estar apta a funcionar.

Um CORVO, qualquer corvo, tem início em códigos que organizam a matéria inorgânica, ordenando ligações iônicas, que obedecendo ORDENS escritas por cerca de 22 ácidos, que formam biomoléculas, as quais constroem AUTÔMATOS que nomeamos PROTEÍNAS capazes de ler códigos e gerar SOFISTICADA maquinaria celular, numa velocidade tão absurda que em MESES constroem tecidos e sistemas orgânicos complexos que vão se integrando enquanto - VIXE - O ORGANISMO CRESCE do óvulo ao feto e do feto ao ser corvino!!!!

Sistemas biomoleculares, milhões de vezes mais complexos que de uma misera usina nuclear FUNCIONAM DESDE O PRINCÍPIO DE SUA PROGRAMAÇÃO MOLECULAR fazendo o que tem que fazer, em meio a uma COLOSSAL, e TURBULENTA espiral de desenvolvimento - no qual uma ÚNICA célula se transforma em cerca 30 trilhões, até que a criança possa correr fugindo de sua mãe depois da travessura realizada!

A inteligência divina na arquitetura da vida é manifesta, visível, absurda, gloriosíssima. Esnoba em soluções, em interação fractal de engenharia divina, que se multiplica a cada novo nível bioquímico, como se dissesse ao pesquisador, compreende QUEM eu sou agora, moleque?

Você percebe minha INTELIGÊNCIA, ó homem?

Huginn e Muninn viram suas costas.

E vão embora.

**Welington José Ferreira**